

## Estudo taxonômico de *Ruprechtia* C.A. Mey. (Polygonaceae) no Brasil Taxonomic study of *Ruprechtia* C.A. Mey. (Polygonaceae) in Brazil

Efigênia de Melo

Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, Brasil

**Resumo:** É apresentado aqui o estudo taxonômico do gênero *Ruprechtia* C.A. Mey. (Polygonaceae) para o Brasil. Este gênero é americano e possui 37 espécies distribuídas desde o sul do México até a Argentina e o Uruguai. Ele é composto por plantas arbóreas, arbustivas, escandentes ou lianas, com folhas alternas e ócreas na base do pecíolo. Os resultados apresentados foram baseados nos caracteres morfológicos analisados nas coleções de herbários nacionais e estrangeiros, além de trabalhos de campo, a fim de observar as populações em seu ambiente natural. O tratamento taxonômico inclui atualização nomenclatural, sinonimizções, descrições morfológicas, comentários sobre a distribuição geográfica e ilustrações para a maioria das espécies. São reconhecidas 15 espécies e dois novos sinônimos propostos, além da ampliação da área de distribuição para quatro espécies.

**Palavras-chave:** Ócrea. Polygonaceae. *Ruprechtia*. Taxonomia.

**Abstract:** Taxonomic study of the genus *Ruprechtia* C.A. Mey. (Polygonaceae) in Brazil was done. The genre is american and has 37 species distributed from southern Mexico to Argentina and Uruguay. The species are trees, shrubs, lianas or scandent, with alternate leaves and ocreas at the base of the petiole. The results presented were based on morphological characters, based on the analysis of collections of national and foreign herbaria, and field work to observe the populations in their natural environment. The taxonomic treatment includes nomenclatural update, synonymizations, morphological descriptions, comments on the geographical distribution and illustrations for most species. Fifteen species are recognized and two new synonyms are proposed in addition to expanding the distribution area for four species.

**Keywords:** Ocrea. Polygonaceae. *Ruprechtia*. Taxonomy.

---

MELO, E., 2016. Estudo taxonômico de *Ruprechtia* C.A. Mey. (Polygonaceae) no Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais* 10(3): 471-490.

Autor para correspondência: Efigênia de Melo. Universidade Estadual de Feira de Santana. Departamento de Ciências Biológicas. Av. Transnordestina, s/n – Novo Horizonte. Feira de Santana, BA, Brasil. CEP 44036-900 (efidemelo@hotmail.com).

Recebido em 25/09/2015

Aprovado em 12/04/2016

Responsabilidade editorial: Mário Augusto G. Jardim



## INTRODUÇÃO

Polygonaceae é constituída por cerca de 40 gêneros, com aproximadamente 1.000 espécies distribuídas principalmente nas regiões temperadas do hemisfério Norte (Cialdella & Brandbyge, 2001). Maas & Westra (1978) indicaram 15 gêneros para a região neotropical, sendo *Coccoloba* P. Browne ex L., juntamente com *Polygonum* L. e *Rumex* L. os mais representativos. Para o Brasil, Barroso *et al.* (1978) registraram oito gêneros e 57 espécies, sendo *Rumex*, *Polygonum*, *Coccoloba*, *Triplaris* L., *Ruprechtia* C.A. Mey. e *Symmeria* Benth. com espécies nativas e *Antigonum* Endl. e *Muehlenbeckia* Meisn., cultivados como plantas ornamentais. O gênero *Coccoloba* é o que apresenta o maior número de espécies no Brasil, seguido de *Polygonum* e *Ruprechtia* (Melo, 2014).

A família é composta por espécies de plantas herbáceas, arbustivas, arbóreas ou lianas, caracterizadas por possuírem caules articulados, folhas simples e alternas, com ócreas, e frutos com cálices persistentes. A ócrea é uma estrutura diagnóstica de extrema importância, tendo sido utilizada por Roberty & Vautier (1964) em relação à família para separação de subfamílias ou tribos.

Estudos filogenéticos recentes envolvendo Polygonaceae indicam que o grupo é monofilético e próximo às Caryophyllales (Mabry, 1977; Lledó *et al.*, 1998). Esses estudos, baseados principalmente em análise de rbcL, aproximam as Polygonaceae às Plumbaginaceae, às Droseraceae e às Nepentaceae, entre outras, além de subsidiarem a proposição de Judd *et al.* (1999), segundo a qual a ordem Polygonales passou a incluir também essas famílias.

*Ruprechtia* distingue-se dos demais gêneros de Polygonaceae por apresentar o perianto frutífero seco, com sépalas acrescentes após a frutificação, sendo classificado por Spjut (1994) como pseudosâmara. Em relação a essa característica, o gênero é mais próximo a *Triplaris*, que também apresenta fruto pseudosâmara e do qual foi desmembrado. *Ruprechtia*, com 37 espécies, é exclusivamente americano, ocorrendo no sul do México, na América Central e na América do Sul, onde

o Brasil apresenta a maior diversidade, com 17 espécies reconhecidas (Pendry, 2004).

Poucos estudos referentes a Polygonaceae têm sido publicados no Brasil, com destaque para Meisner (1855), que descreveu 110 espécies para a família. Estudos isolados têm contribuído para melhor conhecimento da família. Melo (1998, 2000) apresentou levantamento da família para o estado da Bahia, enfocando as espécies do semiárido e da Cadeia do Espinhaço; Ribeiro *et al.* (1999) trataram a família na flora da Reserva Ducke, no estado do Amazonas, onde, das 12 espécies encontradas, todas pertencentes ao gênero *Coccoloba*, apenas duas foram identificadas até o nível específico, demonstrando a grande complexidade taxonômica que envolve os representantes da família, principalmente na Amazônia brasileira.

A delimitação dos gêneros de Polygonaceae é relativamente fácil. Os critérios mais importantes estão relacionados às características do perianto frutífero, que é sempre persistente, recebendo diferentes denominações, conforme escolha dos autores. No entanto, entre *Ruprechtia* e *Triplaris*, a delimitação é pouco precisa e bastante discutível. Os dois gêneros são muito similares morfológicamente. Os estudos filogenéticos envolvendo a família têm provocado alterações nomenclaturais nesse grupo de plantas, com alguns autores aceitando a separação entre *Ruprechtia* e *Triplaris* (Cocucci, 1957; Cialdella & Brandbyge, 2001), enquanto outros consideram que mais de dois gêneros deveriam ser reconhecidos (por exemplo, Sanchez, 2011), o que torna a taxonomia do grupo ainda muito mais complexa, com o desmembramento de novos gêneros.

O objetivo deste trabalho é a revisão do gênero e a sua distribuição nos ecossistemas brasileiros, bem como a delimitação das espécies através do uso de chave dicotômica.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para o tratamento taxonômico, foram analisadas as coleções herborizadas depositadas em instituições do Brasil e do exterior, obtidas como empréstimo e/ou doação, tendo como ponto central o Herbário da Universidade Estadual de Feira

de Santana (HUEFS). Além dessas coleções, também foram realizadas excursões de coleta, nos estados da Bahia, Ceará, Goiás, Pernambuco, Piauí, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Tocantins, Paraná e Rio Grande do Sul. As siglas dos herbários estão de acordo com Thiers (2015): ALCB, ASE, AAU, BHCB, BM, CEN, CEPEC, COR, CPAP, CTES, CVRD, EAC, ENAM, ENCB, ESA, ESAL, F, FLOR, FUEL, G, GH, GUA, HAMAB, HBR, HEPH, HMC, HRB, HRCB, HUEFS, HUFAC, HVASF, HXBBH, IAC, IAN, IBGE, ICN, INPA, IPA, K, LL, M, MAC, MBM, MBML, MEXU, MG, NY, OUPR, PACA, PEL, PEUFR, PMSF, R, RB, S, SI, SP, SPF, SPSF, TEPB, TEX, UB, UEC, UFMT, UFP, UPCB.

A terminologia para as estruturas morfológicas está de acordo com Radford *et al.* (1974), para caracteres vegetativos e florais, e Spjut (1994), para a classificação do fruto. Os dados de distribuição geográfica foram extraídos de Cocucci (1961), Cialdella & Brandbyge (2001) e Pendry (2004). Além disso, as informações sobre nomes vernaculares foram extraídas dos rótulos de herbários, bem como de literatura específica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

São reconhecidas 15 espécies para o gênero *Ruprechtia* no Brasil, distribuídas em quase todos os estados. Até o momento, o gênero só não foi coletado nos estados de Tocantins e de Goiás. As espécies brasileiras ocorrem em todos os biomas, desde a Amazônia até o Pampa, sendo a maior parte encontrada na região Norte, onde foram registradas seis espécies, seguida pela região Sudeste, com cinco, Centro-Oeste e Nordeste, com quatro, havendo apenas duas na região Sul do Brasil.

As espécies de *Ruprechtia*, assim como outras de Polygonaceae, mostram grande afinidade por ambientes aquáticos. A maioria está associada à vegetação ribeirinha, ocorrendo em matas ciliares, de várzeas, de igapós, igarapés e em áreas temporariamente alagáveis, nos biomas Amazônia, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa. Na Caatinga, *Ruprechtia apetala* Wedd. e *Ruprechtia laxiflora* Meisn. são as espécies mais amplamente distribuídas, ocorrendo

principalmente em áreas de florestas estacionais, associadas a formações rochosas de inselbergues, em ambientes desprovidos de água, por longos períodos.

*Ruprechtia glauca* Meisn. é endêmica da Caatinga do estado da Bahia, ocorrendo exclusivamente em áreas arenosas, associadas às dunas do rio São Francisco, locais extremamente secos, com índices pluviométricos muito baixos, sendo a espécie de distribuição mais restrita. Como características adaptativas à seca extrema, essa espécie apresenta forte enrolamento das lâminas foliares, o que pode ser observado em certas épocas do ano. *Ruprechtia salicifolia* (Cham. & Schletd.) C.A. Mey. está restrita ao Rio Grande do Sul, ocorrendo com maior frequência em florestas estacionais do bioma Pampa.

As estruturas morfológicas mais relevantes utilizadas na distinção das espécies estão relacionadas à morfologia do perianto frutífero, como o formato, a consistência, a nervação e a pubescência das alas, o tamanho relativo, a forma do ápice e a margem, além do tamanho relativo e da abertura do tubo, do formato da base do tubo e do tamanho relativo dos pedicelos frutíferos.

As variações morfológicas das folhas são extremas, como pode ser observado em populações de *Ruprechtia apetala* Wedd., cujas folhas podem apresentar a margem lisa ou levemente sinuosa até eventualmente crenada, podendo ser bulada ou não. Apesar disso, tais características são utilizadas como recursos complementares para a identificação de espécies, em especial o tamanho relativo, a consistência e a pubescência das folhas. Esses caracteres também são utilizados por alguns autores para a separação de espécies muito próximas (Howard, 1985; Pendry, 2004). Porém essas variações muitas vezes estão associadas às características ambientais e devem ser utilizadas com muita cautela.

*Ruprechtia crenata* (Casar.) R.A. Howard não é reconhecida neste trabalho. A espécie foi proposta por Howard (1985) a partir de *Triplaris crenata* Casar. e *Ruprechtia carpinoides* Meisn., com base em amostras provenientes do Rio de Janeiro. Pendry (2004) designou "Riedel 1025, fotografia G" como lectótipo, porém toda

a descrição foi feita com base em exemplares de plantas com flores estaminadas. Portanto, de acordo com os critérios aqui adotados, o reconhecimento dessa espécie só será possível após análise de amostras provenientes de plantas com flores pistiladas da mata atlântica do estado do Rio de Janeiro.

**RUPRECHTIA C.A. MEY., MÉM. ACAD. IMP. SCI. SAINT-PÉTERSBOURG, SÉR. 6: 148. 1840.**

Tipo: *Ruprechtia ramiflora* (Jacq.) C.A. Mey. Colômbia, Bolívia, Cartagena, Cuadros 1096 (neótipo: MO).

Arbusto ou árvore dioica, com 5-30 m de altura; ramos glabros ou pubescentes, medula sólida. Folhas alternas; pecíolo curto; ócrea cilíndrica, membranácea, caduca; lâmina oblonga, elíptica ou lanceolada, ápice agudo ou obtuso, base aguda, obtusa ou subcordada, margem inteira, ondulada ou crenulada, coriácea ou subcoriácea, glabra ou pubescente. Inflorescências unissexuadas, em tirso paniculados terminais, fascículos de flores bracteados. Flor trímera, perianto 3-6-partido, tépalas conadas na base; flor masculina com três tépalas externas idênticas às três internas, estames 9, filetes conados na base, exclusivos, anteras dorsifixas, versáteis; flor feminina com três tépalas externas bem desenvolvidas e três tépalas internas atrofiadas, despigmentadas; ovário tricarpelar, três estiletos fusionados, estigmas decorrentes, laterais. Fruto antocarpo tipo pseudosâmara, perianto

frutífero membranáceo ou coriáceo, tépalas externas unidas na base, formando um tubo que envolve a núcula, lacínios acrescentes em forma de alas, alas espatuladas, oblongas, ovais, obovais, deltoides ou lineares, geralmente coloridas na frutificação, amarelas, brancas, verdes, rosadas, vermelhas ou vináceas, núcula trigono-ovalada ou trilobada, com pericarpo liso, glabro ou pubescente.

As espécies são conhecidas popularmente com os nomes de 'siriba-branca', 'pau-jaú', 'taipoca', 'caixão', 'pau-caixão', 'guajuvira', 'cabriúva-da-várzea', 'farinha-seca', 'marmeleiro', 'marmeleiro-do-mato', 'falso-triplaris', 'rama-negra', 'sarandi-negro', 'mata-negra', 'ibirá-ró', 'viraru', 'viraró' (Pendry, 2004).

O gênero *Ruprechtia* distingue-se de *Triplaris*, do qual foi desmembrado, por possuir o tubo do perianto frutífero parcialmente fissurado, cuja fenda pode deixar exposta ou não a núcula trigono-alongada. As três tépalas externas se expandem após a frutificação, formando três alas, que facilitam o mecanismo de propagação do fruto, tanto pelo vento como pela água, da mesma forma como ocorre em *Triplaris*, em que as pétalas são reduzidas e vestigiais, persistindo após a frutificação, sem alterações. O fruto assim constituído é um antocarpo denominado de pseudosâmara por Spjut (1994). A descrição da núcula refere-se apenas ao ovário desenvolvido e maduro após a fecundação (Figuras 1 e 2).

Chave de identificação para as espécies de *Ruprechtia* no Brasil

1. Folhas pubescentes em ambas as faces, geralmente glaucas na face abaxial ..... *R. glauca*  
Folhas glabras ou com pubescência esparsa, não glaucas ..... 2
2. Perianto frutífero membranáceo ou cartáceo, alas com nervação evidente..... 3  
Perianto frutífero coriáceo, alas com nervação inconspícua ..... 10
3. Lianas..... 4  
Árvores ou arbustos ..... 5
4. Perianto frutífero com 3-4 cm de comprimento, brácteas com 2-2,5 mm de comprimento. .... *R. laurifolia*  
Perianto frutífero com 4,5-5,5 cm de comprimento, brácteas com até 1,5 mm de comprimento.....  
..... *R. obidensis*



5. Inflorescências femininas menores do que 1 cm, inflorescências parciais formadas por flores solitárias. Folhas fasciculadas em braquiblastos laterais..... *R. triflora*  
 Inflorescências femininas maiores do que 1 cm, inflorescências parciais formadas por 2-3 flores. Folhas espaçadas nos ramos, raramente dispostas em braquiblastos..... 6
6. Perianto frutífero com alas espatuladas ou obovado-espatuladas..... 7  
 Perianto frutífero com alas oblongas ou obovadas..... 8
7. Perianto frutífero com alas afiladas em direção à base, fracamente unidas entre si, sem formação de tubo conspícuo, núcula visível entre as alas. .... *R. laxiflora*  
 Perianto frutífero com alas não afiladas em direção à base, unidas entre si, formando tubo conspícuo, núcula não visível entre as alas.....*R. apetala*
8. Perianto frutífero com alas oblongas com 3 x 0,6 cm, pedicelos frutíferos com 8-11 mm de comprimento. Folhas com nervação pouco evidente..... 9  
 Perianto frutífero com alas obovadas com 2,5 x 0,5 cm, pedicelos frutíferos com 4-7 mm de comprimento. Folhas com nervação proeminentes na face abaxial. .... *R. exploratrix*
9. Tubo do perianto frutífero com base aguda ou cuneada, afilando-se em direção ao pedicelo..... *R. lundii*  
 Tubo do perianto frutífero com base obtusa ou arredondada, não se afilando em direção ao pedicelo.....*R. latifunda*
10. Perianto frutífero com 1,8-3 cm de comprimento..... *R. maracensis*  
 Perianto frutífero com até 1,5 cm de comprimento. ....11
11. Alas com até 2 mm de largura.....*R. tenuiflora*  
 Alas com 3 mm de largura ou mais..... 12
12. Folhas lanceoladas.....*R. salicifolia*  
 Folhas elípticas, ovadas ou oblongas..... 13
13. Núculas não visíveis, envolvidas pelo perianto frutífero, com alas convergentes cuculadas...*R. brachystachya*  
 Núculas visíveis entre as alas divergentes do perianto frutífero..... 14
14. Alas ovadas a deltoides, ápice não reflexo, margem plana.....*R. brachysepala*  
 Alas obovadas, ápice reflexo, margem revoluta.....*R. tangarana*

***Ruprechtia apetala* Wedd., Ann. Sci. Nat. Sér. 3. 13: 268. 1849. (Figuras 1A-1B)**

Tipo: Bolívia, Chuquisaca, Weddell 3873 (lectótipo: P!).

*Ruprechtia fagifolia* Meisn., in Mart., Fl. bras. 5(1): 58. 1855. Tipo: Brasil, Bahia, igreja Velha, Blanchet 3277 (G! NY!). *Syn. nov.*

Árvores ou arbustos com 3-15 m de altura; ramos glabros ou com tricomas esparsos, braquiblastos eventualmente presentes. Folhas com 5-12 x 2,5-7,5 cm; lâmina elíptica a oblonga, coriácea a subcoriácea, ápice obtuso a arredondado, raro subacuminado, base aguda, obtusa ou arredondada, margem ondulada, face adaxial com

nervação impressa, pubescência esparsa, raro totalmente glabra, face abaxial com nervação proeminente, pubescência alva, densa; ócreas caducas; pecíolo com 0,3-1 cm, glabro ou pubérulo. Inflorescências terminais, tirso subpaniculados, densifloros, raque densamente pubescente. Flores diclinas; flores estaminadas, com 1-2 mm, sépalas ovais, flores pistiladas com sépalas maiores, pétalas reduzidas, filiformes. Frutos com 2-3 cm, perianto frutífero com tubo cilíndrico, com 5-7 mm, aberto acima de 2/3, externamente estrigoso, alas espatuladas, com 2-2,6 x 5-8 mm, esparsamente pubescentes, núcula tricostada, pericarpo liso, glabro.



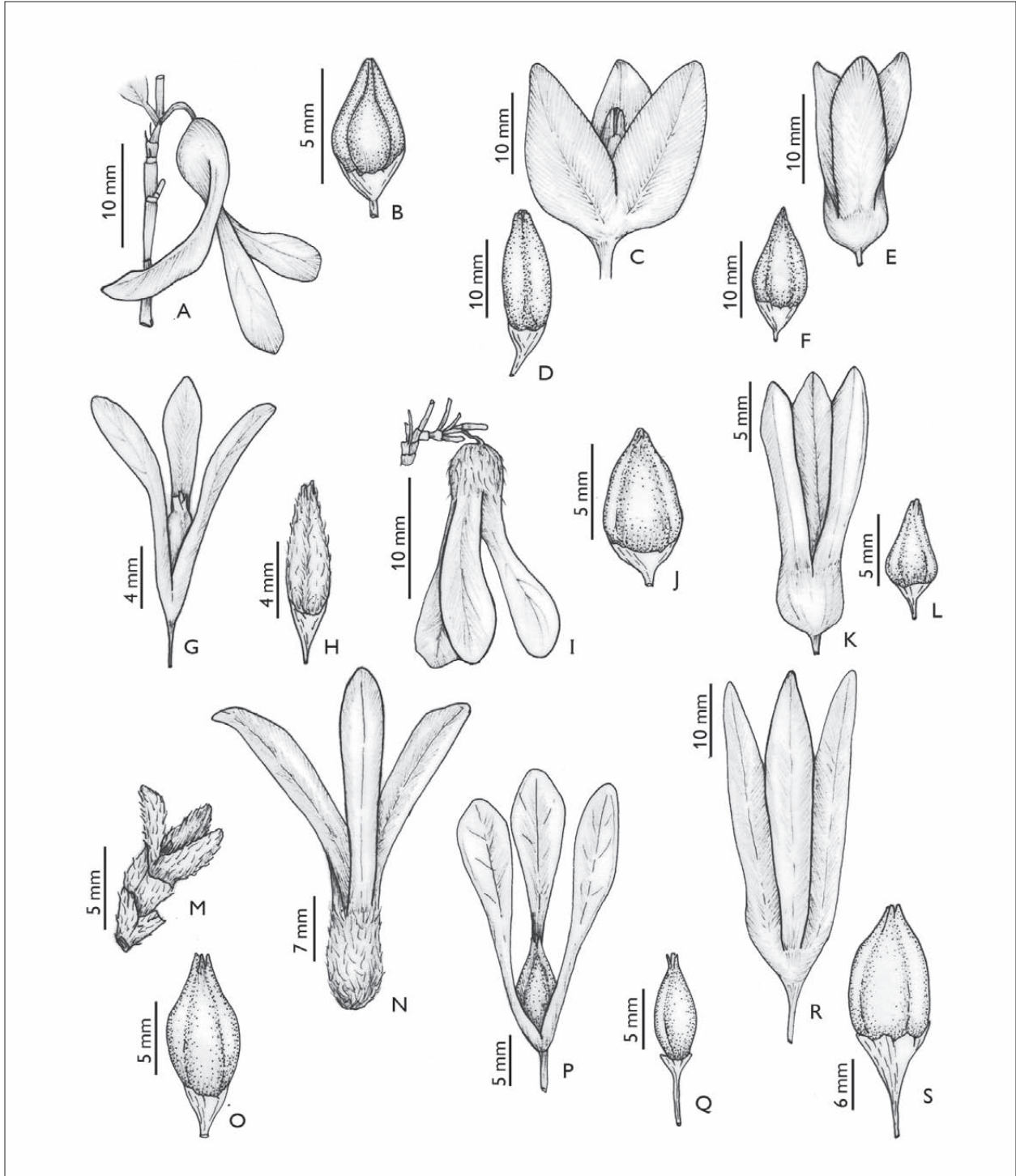


Figura 1. A-B) *Ruprechtia apetala* (Melo 3104); C-D) *R. brachysepala* (França 5035); E-F) *R. brachystachya* (Martinelli 17694); G-H) *R. exploratrix* (Matos-Alves 423); I-J) *R. glauca* (Queiroz 8046); K-L) *R. latifunda* (Folli 2317); M-O) *R. laurifolia* (Mello Barreto 1545); P-Q) *R. laxiflora* (Moraes 145); R-S) *R. lundii* (Tameirão Neto 3281).



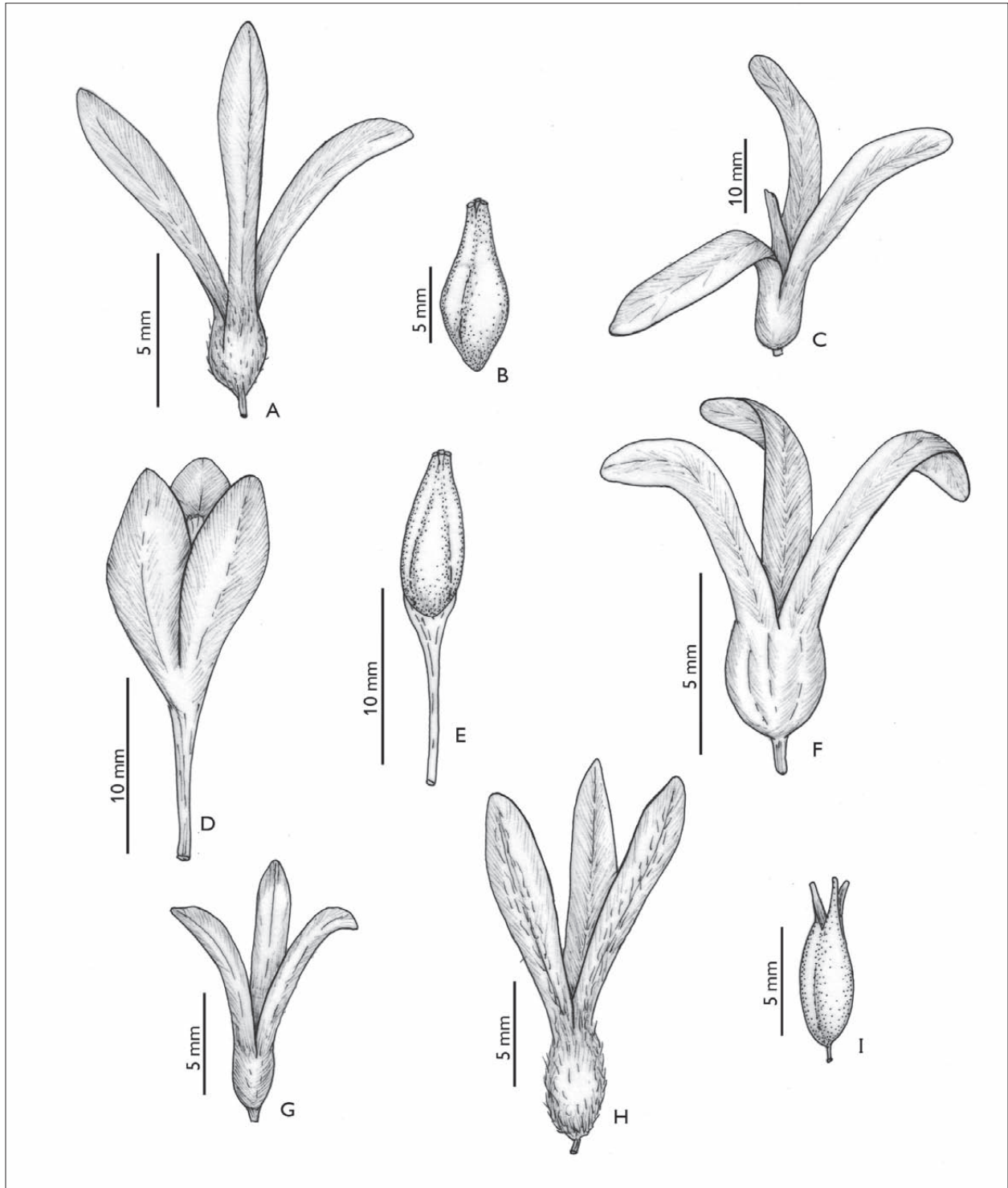


Figura 2. A-B) *Ruprechtia maracensis* (Milliken & Bowles 377); C) *R. obidensis* (Ducke 2899); D-E) *R. salicifolia* (Schinini 16870); F) *R. tangarana* (Cid Ferreira 7676); G) *R. tenuiflora* (Ducke 439); H-I) *R. triflora* (Seleme 149).

Material examinado: Brasil. Bahia: Aracatu, 27.03.1984, Bohrer, C.B.A. 10 (ALCB, HRB, HUEFS); Boa Nova, 03.04.1984, Oliveira Filho, L.C. & Lima, J.C.A. 146 (HRB, HUEFS, MBM); Boquira, 20.03.1984, Bautista, H.P. & Salgado, O. A. 852, 855 (ALCB, HRB, HUEFS, IPA, MBM, RB, UPCB); Brumado, 26.03.1984, Lima, J.A.C. & Oliveira Filho, L.C. 81 (ALCB, CEPEC, HRB); 03.07.1983, Coradin, L. *et al.* 6371 (CEN); Curaçá/Terra Nova, 1983, Pinto, G.C. & Silva, S.B. 201 (ALCB, HRB, HUEFS, MBM); Ipujiara, 26.01.2001, Guedes, M.L. *et al.* 7949 (ALCB); Irecê, 17.02.1981, Ferreira, M.S.G. 140 (IBGE); Irecê/Xique-Xique, Guedes, M.L. *et al.* 7271 (ALCB); Jacobina, 07.08.2001, Guedes, M.L. *et al.* 9092 (ALCB); Jequié, 19.10.1997, Guedes, M.L. *et al.* 5437 (ALCB); Joazeiro, 26.02.1962, Costa, A.L. s.n. (ALCB 1039); *idem*, 26.03.2000, Jesus, N.G. *et al.* 883 (ALCB); Livramento de Nossa Senhora, 25.05.1991, Ribeiro, A.J. 268 (ALCB); 12.03.1991, Brito, H.S. & Lewis, G.P. 290 (CEPEC); Manoel Vitorino, 1984, Pinto, G.C. 57 (ALCB, HRB, HUEFS); 16.02.1979, Mattos Silva, L.A. *et al.* 282 (CEPEC); 22.02.1973, Santos, T. S. 2587 (ALCB, CEPEC); Miguel Calmom, 06.04.2001, Bautista, H.P. *et al.* 3042 (ALCB); Morpará, 23.01.2001, Guedes, M.L. *et al.* 7840 (ALCB); Morro do Chapéu, 16.11.1999, Melo, E. *et al.* 3104 (ALCB, HUEFS); Paramirim, 13.03.1981, Silva, S.B. 199 (CEPEC, HUEFS, UB); Riachão do Jacuípe, Jesus, N.G. 876 (ALCB, CEPEC, EBDA, HUESB, HUEFS, RB). Minas Gerais: Januária, Ratter, J. A. *et al.* 3238 (UB); Manga, 08.05.2010, Luz *et al.* 85 (HMC). Pernambuco: Petrolina, 12.01.1984, Fotius 3676 (HVASF, IPA). Rio Grande do Norte: Baraúna, 28.07.1981, Barroso, G.M. s.n. (IBGE).

Distribuição geográfica: Argentina e Bolívia (Cocucci, 1961), Paraguai e Brasil (Cialdella & Brandbyge, 2001). No Brasil, foi registrada para a Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte (Melo, 1998, 2014). Neste trabalho, sua área de distribuição está sendo ampliada para o estado de Minas Gerais, exclusivamente na região semiárida. Espécie muito comum ao longo das margens de rios e matas estacionais de Caatinga, na região semiárida, em altitudes entre 380-620 m.

Espécie de difícil distinção, pelas folhas altamente variáveis no formato e pela pubescência decídua. Distingue-se essa espécie por apresentar lâmina foliar coriácea a subcoriácea, glabra na face adaxial, levemente bulada entre as nervuras e margem ondulada até discretamente crenulada, perianto frutífero, com alas espatuladas, e pericarpo glabro.

Pendry (2004) reconheceu *R. fagifolia* pela forma obovada das alas do perianto frutífero maduro e pela núcula trilobada com pubescência na margem da metade distal, folhas com pecíolos de 2-5 mm, ócreas de 0,5-1 mm, presença de pétalas vestigiais de 2-3 mm, destacando sua semelhança com *R. apetala*, em estágios juvenis. Ao descrever *R. apetala*, Weddell (1850) destacou como característica distintiva a ausência de tépalas internas "*laciniis interioribus nullis*". Ao analisar amostras coletadas na Bahia e em Minas Gerais, observou-se que as variações morfológicas citadas para *R. fagifolia* são similares às encontradas em espécimes de *R. apetala* provenientes da mesma área. Assim, conclui-se que *R. fagifolia* não se distingue de *R. apetala*, sendo, portanto, considerada como sinônimo neste trabalho.

***Ruprechtia brachysepala* Meisn., Mart., Fl. bras. 5(1): 57. 1855. (Figuras 1C-1D)**

Tipo: Brasil, Pará, Santarém, Spruce s.n. (lectótipo: M!; isótipos: BM! G! NY!).

Árvores com 2-12 m de altura; densamente copada, ramos glabros, com tricomas esparsos. Folhas com 4-12 x 2-6 cm; lâmina elíptica, oval ou oblonga, ápice agudo, obtuso, acuminado ou cuspidado, base obtusa ou cordada, raro atenuada, coriácea, glabra, com tricomas esparsos sobre as nervuras, margem inteira, plana a levemente ondulada, revoluta, nervuras impressas, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 0,5-1,2 cm; ócrea membranácea, caduca, visível nos ramos jovens. Inflorescências estaminadas com 2-4 cm, raque pubérula; brácteas com 1 mm, pubéras, borda ciliada; ocréolas com 1,5 mm, esparsamente pubescente; pedicelos com 1-2 mm, articulado a 1/3 anterior, glabro ou pubérulo;



flores estaminadas com perianto verde ou branco, sépalas ovais cuculadas, pétalas ovais, glabras, filetes com 3-4 mm. Inflorescências pistiladas com 2-5 cm, raque pubescente; brácteas com 1 mm, ocréolas com 1-2,5 mm, pubescentes, pedicelos com 1-2 mm, articulado na metade; flores pistiladas, com perianto verde, glabro a densamente pubescente, sépalas com 2-4 mm, tubo com 0,5-1 mm, lacínios ovais, agudos, pétalas com 2 mm, livres do cálice, lineares ou elípticas, glabras a pubescentes, estaminódios inconspícuos, disco glabro, ovário com 2 mm, glabro ou pubescente, estigmas lineares ou ovoides. Frutos verdes, perianto frutífero com 1-1,5 cm, sem formação de tubo, alas coriáceas, ovais, glabras ou esparsamente pubescentes, livres desde a base, núcula trilobada, com 5-8 mm, completamente envolvida pelo tubo, pericarpo liso, glabro a esparso pubescente.

Material examinado: Brasil. Amapá: rio Oiapoque, 01.02.1950, Fróes, R.L. 25775 (IAC). Amazonas: Teffé, 27.06.1906, Ducke, A. 7389 (MG). Maranhão: Catanhede, Paula, J.E. 750 (UB). Mato Grosso: Poconé, Krapovickas, A. *et al.* 43094, 43095 (MBM); Parque Nacional do Pantanal, Pott, A. & Pott, V.J. 8678 (CPAP); 25.01.1993, Monteiro, J.R.B. *et al.* 192 (UEC); Chapada dos Guimarães, 04.11.1985, Monteiro, J.R.B. 209 (UB); 04.05.2001, Damasceno Jr., G. A. *et al.* 2295 (CGMS, UEC). Mato Grosso do Sul: Corumbá, 05.04.1990, Pott, V.J. 1300, 1355 (UB); Ladário, 06.03.1995, Damasceno Jr., G.A. 480 (HUEFS); 13.06.1993, Damasceno Jr., G.A. 1002 (UEC); 29.04.1995, Damasceno Jr., G.A. *et al.* 798 (HUEFS, UEC). Pará: Óbidos, 08.08.1909, Ducke, A. 10222 (MG); Oriximiná, 03.07.1980, Martinelli, G. 7272 (K). Piauí: Parnaíba, 01.08.2004, França, F. *et al.* 5035 (HUEFS). Roraima: rio Catrimani, Pires, J.M. *et al.* 14097 (GH).

Distribuição geográfica: Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Paraguai, Argentina, Bolívia e Brasil (Pendry, 2004). No Brasil, ocorre nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, nos estados de Roraima, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul (Melo, 2014). Neste trabalho, sua distribuição é registrada também para os

estados de Amapá, Maranhão e Piauí, ocorrendo em matas ciliares, de várzeas, de igapós e estacionais dos biomas Amazônia e Pantanal.

Distingue-se das demais espécies do gênero por apresentar perianto frutífero com alas ovadas, glabras, coriáceas e sem nervuras evidentes, livres desde a base, sem formação de tubo e envolvendo completamente a núcula.

*Ruprechtia brachystachya* Benth., London J. Bot. 4: 630. 1845. (Figuras 1E-1F)

Tipo: Guiana, Schomburgk, 345 (holótipo: K!; isótipo: BM!).

Arbustos ou árvores com 2-6 m de altura; ramos glabros, braquiblastos ausentes. Folhas com 4-8 x 1,5-3 cm; lâmina elíptica, oval ou oblonga, ápice agudo ou acuminado, base aguda ou arredondada, às vezes cuneada, margem levemente ondulada, revoluta, glabra em ambas as faces, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 3-7 mm; ócreas com 0,5 mm, parcialmente caduca. Inflorescências estaminadas com 2,5 cm, pubescente; brácteas com 1 mm, pubescentes, ocréolas com 1,5 mm, esparsamente pubescente; pedicelos com 2 mm, articulado abaixo da metade, esparsamente pubescente; flores estaminadas, com 1,5 mm, com perianto amarelo-esverdeado, sépalas e pétalas obovais, cuculadas, ciliadas, filetes com 5 mm, exclusivos. Inflorescências pistiladas com 1-1,5 cm, raque pubescente; brácteas com 1-2 mm, pubescentes; ocréolas com 1 mm, esparsamente pubescentes, pedicelos com 2 mm, articulado no meio, pubescente; flores pistiladas com 3-5 mm, rosadas, pubescentes, tubo com aproximadamente 1 mm, lacínios ovais, cuculados e imbricados, pétalas com 1-2 mm, lineares, pubescentes, adnadas à base do cálice; disco glabro, ovário com cerca de 3 mm, pubescente, estigma ovoide ou linear. Frutos verdes, com 1-1,5 cm de comprimento; pedicelos frutíferos com 2-3 mm; perianto frutífero com tubo de 1-2 mm, alas coriáceas ovais, deltoides, fortemente cuculadas e imbricadas, esparsamente pubescentes, pétalas com 2-2,5 mm, núcula com 5-8 mm, trilobada, pericarpo liso na base, pubescente na porção distal ou nos sulcos.



Material examinado: Brasil. Roraima: Alto Alegre, 23.03.1948, Fróes, R.L. 23077 (UB); Amajari, ilha de Maracá, Edwards 2661 (K, NY); *idem*, Hopkins *et al.* 731 (GH); *idem*, Lewis, G.P. 1548 (K, NY); *idem*, Stannard, B. & Arraias 762 (K, NY); Rio Branco, São Bento, 03.1910, Ule 7879 (K, MG); Rio Branco, 03.1913, Kuhlmann, J.G. s.n. (MBM); Kuhlmann, J.G. 261 (MG); Rorainópolis, Rio Branco, 28.03.2012, Martinelli, G. 17694 (HUEFS).

Material adicional: Guiana: Jacobs, J. *et al.* 502 (K, NY).

Distribuição geográfica: Brasil e Guianas. No Brasil, ocorre na região Norte, no estado de Roraima (Pendry, 2004), em matas ciliares, sobre solos arenosos e encharcados, em altitudes entre 50-100 metros, no bioma Amazônia.

Espécie similar a *R. salicifolia*, por apresentar o perianto frutífero com alas ovado-deltoides, cuculadas, que envolvem completamente o pericarpo, distinguindo-se pelas folhas elípticas, oblongas ou oblongo-ovadas, enquanto que em *R. salicifolia* as folhas são estreito-lanceoladas.

***Ruprechtia exploratricis* Sandwith, Kew Bull., Misc. Inform.: 143: 1928. (Figuras 1G-1H)**

Tipo: Brasil, Mato Grosso do Sul, Corumbá, D. Smith 45 (lectótipo: K!).

Árvores ou arbustos com 4-5 m de altura; ramos glabros, acinzentados ou castanhos. Folhas com 5-10 x 1,5-2 cm; lâmina lanceolada, ápice agudo, base aguda ou obtusa, margem inteira, levemente ondulada, coriácea, nervação fortemente proeminente na face abaxial; pecíolo com 3-5 mm, pubescente; ócreas com 0,1-0,2 mm. Inflorescências axilares e terminais, tirso racemiformes, com 3-5 cm, brácteas escamiformes, agudas, com 1-1,2 mm, pubescentes; ocrólas semelhantes às brácteas, pedicelos com 1-3 mm, filiformes, glabros, articulados abaixo da metade; flores estaminadas com 1-2 mm, perianto esverdeado, levemente conado na base, ovais, pubescentes externamente; flores pistiladas com 2-3 mm, tépalas agudas, estiletos curtos, estigmas subcapitados. Frutos com 1,5-2 cm; pedicelos frutíferos com 3-5 mm;

perianto frutífero com tubo de 2 mm, alas obovado-espataladas, esparsamente pubescentes externamente, núcula trigono-ovalada, alongada com 7-8 x 2-3 mm, pericarpo liso, pubescente na metade apical.

Material examinado: Brasil. Mato Grosso do Sul: Anaurilândia, 17.10.1998, Amaral Jr. *et al.* 247 (BOTU, UEC, UFMS); Corumbá, 2.1911, Hohene, F.C. 3400 (SP); *idem*, próximo ao Posto Esdras, 19.02.1989, Pott, A. *et al.* 4643 (CPAP, MG, UB); *idem*, 13.08.1995, Pott, A. 7172 (CPAP); *idem*, 08.04.1990, Pott, V.J. 1357 (HUEFS); *idem*, 03.05.1990, Pott, A. 5613 (CPAP, HUEFS); *idem*, Assentamento Taquari, 27.04.2009, Jesus, E.M. 522 (CPAP); Ladário, 24.03.1995, Bortolotto, I.M. 3752 (HUEFS); Miranda, 05.04.1998, Pott, A. 7958 (CPAP); Porto Murinho, 23.10.1980, Pires, J.M. & Furtado, P.P. 17312 (MG); *idem*, fazenda Agro Comercial Aubi, 10.05.2007, Alves, F.M. 423 (HUEFS); *idem*, fazenda São Roque, BR-267, 21 km da cidade, 04.04.2001, Pott, A. 8887 (CPAP, HUEFS); *idem*, fazenda Santa Vergínia, 16.12.2009, Padilha, D.R.C. 05 (HUEFS).

Distribuição geográfica: Paraguai e Brasil, no estado do Mato Grosso do Sul (Cialdella & Brandbyge, 2001), em mata ciliar e mata estacional, no bioma Pantanal.

Distingue-se pelas folhas coriáceas, estreito-lanceoladas, não ultrapassando 2 cm de largura, com nervação terciária fortemente evidente na face abaxial e perianto frutífero com alas obovado-espataladas e núcula pubescente na metade apical.

***Ruprechtia glauca* Meisn., in Mart., Fl. bras. 5(1): 183. 1855. (Figuras 1I-1J)**

Tipo: Brasil, Bahia, serra do Açuruá, Blanchet 2848 (holótipo: NY!; isótipos: BM! G!).

Árvores com 4-8 m de altura; ramos glabros, casca acinzentada, enegrecida. Folhas com 3-7 x 2-4,5 cm; lâmina elíptica ou obovada, ápice agudo, base aguda ou obtusa, margem plana, revoluta, face adaxial glabra ou pubescente glabrescente, face abaxial pubescente glabrescente, coriácea, nervuras planas na



face adaxial, subplanas na abaxial; pecíolo com 0,5-1 cm, pubescente; ócreas com aproximadamente 0,5 cm, decíduas. Inflorescências masculinas com 2-4 cm, tirso subpaniculados, raque glabra, pedicelos com 2-5 mm, glabros; brácteas ovais, acuminadas; ocréolas cônicas, pubescentes; flores estaminadas com 1-2 mm, perianto esverdeado. Inflorescências femininas com 2-4 cm, raque glabra, pedicelos com 2-4 mm; flores pistiladas, com três sépalas externas maiores, três pétalas filiformes, reduzidas. Frutos com 2-3 cm; pedicelos frutíferos com 5-8 mm; perianto frutífero com tubo fechado até quase a metade, pubescente glabrescente, alas espatuladas, com 2-2,5 x 0,3-0,5 cm, esparsamente pubescentes, tricomas alvos, núcula com 3-5 mm, trígono-alongada, pericarpo glabro.

Material examinado: Brasil. Bahia: Barra, Queiroz, L.P. 4830 (HUEFS); 06.02.1997, Queiroz, L.P. 4863, 4866 (ALCB, HUEFS); *idem*, Geleia, 25.05.2009, Maciel, J.R. 1195 (HVASF); 25.05.2009, Oliveira, M. 4166 (HUEFS); *idem*, Morrinhos, 14.11.2009, Prata, A.P. 1827 (ASE, HUEFS); 25.05.2009, Marcondes Oliveira 4166 (HVASF); Casa Nova, 03.04.1974, Ramalho, F.B. 184, 185 (RB); 28.11.2003, Queiroz, L.P. 8022 (HUEFS); *idem*, fazenda Santarém, 29.11.2003, Queiroz, L.P. 8046 (HUEFS, ICN); *idem*, Dunas do S. Francisco, 30.11.2003, Queiroz, L.P. 8063 (HUEFS); *idem*, 08.02.2004, Queiroz, L.P. 9110 (HUEFS); *idem*, 08.02.2004, Queiroz, L.P. 9105 (ALCB, ESA); *idem*, balneário Dunas de Casa Nova, 09.02.2004, Queiroz, L.P. 9140 (HUEFS); Ibiraba, Rocha, P. 52 (ALCB, HUEFS); Queiroz, L.P. 14678 (HUEFS); 19.05.2010 (HUEFS); Pilão Arcado, 19.06.2007, Santos, R.M. 1371 (HUEFS); *idem*, barra do Brejo, 27.03.2006, Melo, E. 4333 (HUEFS, NY); *idem*, Brejo do Zacarias, Conceição, A.A. 1464 (HUEFS); *idem*, Limoeiro, 19.03.2006, Souza, E.R. 1598 (HUEFS); Sento Sé, 27.01.2010, Fontana, A.P. 6397 (HUEFS, HVASF); barra dos Alegres, 28.01.2010, Siqueira-Filho, J.A. 2297 (HUEFS, HVASF); *idem*, riacho da Barra, 27.01.2010, Oliveira, M. 4712 (HUEFS, HVASF); estrada para Rodoleiro, Araújo, D. 1250 (HVASF); serra do Açuruá,

05.1866, Blanchet, A. 2848 (NY, HUEFS); Xique-Xique, 05.04.1976, Davidse, G. & D'Arcy, W.G. 11998 (SP).

Distribuição geográfica: espécie endêmica da Bahia, ocorrendo exclusivamente em Caatinga (Melo & França, 2006; Melo, 2014).

Apesar de ser uma espécie de distribuição restrita, é de difícil distinção morfológica, devido à grande variação no formato da lâmina foliar e da pubescência geral. É comum nessa espécie o enrolamento das lâminas foliares como forma de adaptação à seca. Distingue-se das demais espécies pelas folhas coriáceas, pubescentes, glaucas na face abaxial.

Foi descrita por Meisner (1855) e sinonimizada em *Ruprechtia laxiflora* por Cocucci (1961). Porém, Brandbyge (1990) propôs o restabelecimento de *Ruprechtia glauca* com base na análise de caracteres morfológicos, opinião compartilhada por Pendry (2004). Após análise morfológica do tipo e de comparação com amostras provenientes da área, conclui-se que a espécie deve ser mantida como táxon distinto de *R. laxiflora*.

***Ruprechtia latifunda* Pendry, Syst. Bot. Monographs 67: 91-93. 2004. (Figuras 1K-1L)**

Tipo: Brasil, Espírito Santo, Kallunki 700 (holótipo: NY!).

Árvores com 25 m de altura; ramos glabros, sem formação de braquiblastos. Folhas com 5-14 x 2-6 cm; lâmina elíptica ou oboval, ápice acuminado, base obtusa ou cuneada, decorrente, margem plana ou ondulada, coriáceas, glabra em ambas as faces, nervuras terciárias reticuladas evidentes, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 2-5 mm, glabro ou esparsamente pubescente; ócreas com 5-8 mm, parcial ou inteiramente persistente, glabra ou pubescente. Inflorescências masculinas com 2 cm, raque esparsamente pubescente; brácteas e ocréolas com aproximadamente 1 mm, glabras; flores estaminadas não vistas. Inflorescências femininas com 2 cm, raque glabra ou esparsamente pubescente; brácteas com 0,5-1,5 mm, glabras ou esparsamente pubescentes; ocréolas com cerca de 1,5 mm, glabras ou esparsamente pubescentes; pedicelos com 0,5-1,5 cm, glabros, articulados abaixo da

metade; flores pistiladas esverdeadas, perianto com tubo de 2 mm, base obtusa ou arredonda, sépalas obtusotriangulares, glabras; pétalas com 2-3 mm, adnadas ao tubo do cálice, lacínios elípticos ou ovais, glabros, disco nectarífero glabro ou pubescente, ovário com 1-2 mm, glabro, estigmas ovoides. Frutos com 3-4, 5 cm esverdeados, pedicelos frutíferos com 0,8-1,5 cm, articulados abaixo da metade; perianto frutífero com tubo de 4-6 mm, glabro, base obtusa ou arredondada, alas cartáceas, com nervuras secundárias evidentes, núcula com 0,9-1 cm, trilobada, pericarpo liso, glabro.

Material examinado: Brasil. Espírito Santo: Bananal, estrada para Novo Brasil, 9 km a partir da igreja de Bananal, fazenda Santa Angélica, 21.04.1995, Kallunki, J.A. *et al.* 700 (NY, RB); Linhares, próximo à estrada 142, 10.02.1975, Spada, J. 184 (RB). *Idem*, Folli, D.A. 306 (GH, HUEFS, MG); *idem*, Flamengo, 01.09.1986, Folli, D.A. 598 (HUEFS); 24.10.1987, fr., Folli, D.A. 663 (HUEFS); *idem*, 31.05.1994, fr., Folli, D.A. 2317 (HUEFS); Vitória, 05.10.2010, fr., Salviani, E.R. & Lorenzi, H. 1607 (HUEFS).

Distribuição geográfica: endêmica do Espírito Santo, ocorrendo em vegetação de matas e restingas sobre tabuleiros, em altitudes entre 200 e 300 metros, na Mata Atlântica.

Espécie próxima a *R. lundii*, diferindo pelo formato da base do perianto frutífero, que é obtusa ou arredondada em *R. latifunda* e não aguda ou cuneada em *R. lundii*.

***Ruprechtia laurifolia* (Cham. & Schletd.) C.A. Mey.,  
Mém. Acad. Imp. Sci. Saint-Pétersbourg, sér. 6:  
150. 1840. (Figuras 1M-1O)**

Tipo: Brasil, Sellow s.n. (lectótipo: B!).

Arbustos escandentes ou lianas; ramos pubescentes, fistulosos, braquiblastos ausentes. Folhas com 5-20 x 2-6 cm; lâmina elíptica, oval ou oboval, ápice agudo ou acuminado, base aguda ou cuneada, às vezes decorrente, coriácea, bulada entre as nervuras, margem ondulada, ocasionalmente revoluta, nervação terciária reticulada, proeminente na face abaxial, glabra em ambas as faces, tricomas esparsos sobre

as nervuras, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 0,2-1 cm, glabro ou esparsamente pubescente; ócrea não vista. Inflorescências masculinas com 6-8 cm, raque densamente pubescente ferruginosa; brácteas com 2-3 mm, pubescentes; ocréolas com 2-3 mm, pubescentes; pedicelos com 2-3 mm, glabros ou pubescentes, articulados acima da metade; flores estaminadas com 2 mm, vermelhas, sépalas e pétalas oblongas ou obovais, glabras ou pubescentes, filetes com 1 mm, inclusos. Inflorescências femininas com 10-12 cm, raque pubescente ferruginosa; brácteas com 2-2,5 mm, pubescentes, ocréolas com 2,5-4 mm, pubescentes; pedicelos com 2 mm, pubescentes; flores pistiladas vermelhas, tubo do perianto com 3-3,5 mm, sépalas com 1-1,5 cm, oblongas, pubescentes, tricomas alvos ou ferruginosos; pétalas vestigiais com 5-6 mm, elípticas, glabras, adnadas ao tubo do perianto, estaminódios com 1-2 mm, semelhantes a tricomas na frutificação; disco nectarífero glabro, ovário com 3 mm, glabro, estigmas elipsoides. Frutos com 3-4 cm, verde-avermelhados; pedicelos frutíferos com 2-3 mm de comprimento, inclusos nas ocréolas; perianto frutífero com tubo de 0,8-1,2 cm de comprimento, alas com 3-3,5 cm de comprimento, cartáceas, elípticas ou oblongas, pubescentes, nervação secundária evidente, núcula com 1-1,3 cm, trilobada, pericarpo liso, glabro.

Material examinado: Brasil. Minas Gerais: Aimorés, 08.07.1997, fl. fr., Vasconcelos, M.F. s.n. (BHCB 37919, 37920, HUEFS 31543, 31544); Itueta, 10.07.1997, fl., Tameirão Neto, E. 2419 (HUEFS); *idem*, Tombos, fazenda da Cachoeira, 11.07.1935, Mello Barreto 1545 (HUEFS). Rio de Janeiro: Jacarepaguá, Duarte, A.P. 4885 (AAU, RB); *idem*, Duarte, A.P. & Pereira, E. 4823 (AAU, RB); *idem*, Gardner 5593 (BM, K); *idem*, Glaziou, A. 6703, 8905, 12116 (K); *idem*, Miers 3753 (K); *idem*, Pereira, E. 7106 (BM, K); *idem*, Riedel 672 (NY); *idem*, Sucre 3512 (AAU); *idem*, Cabo Frio, Sucre 3674 (HUEFS). Espírito Santo: Governador Lindenberg, 31.06.2007, fl., Vervloet, R.R. *et al.* 2993 (HUEFS).

Distribuição geográfica: exclusiva do Brasil, ocorrendo nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro

(Pendry, 2004). Com este trabalho, é referida também para o estado do Espírito Santo, em vegetação de restinga e matas estacionais da Mata Atlântica.

Distingue-se de *R. obidensis* por apresentar frutos variando de 3-4 cm e brácteas com 2-2,5 mm. Além disso, *R. laurifolia* apresenta pedicelos frutíferos curtos e envolvidos pelas ocréolas, não sendo visíveis após a queda do fruto, enquanto *R. obidensis* apresenta pedicelos frutíferos longos e excluídos das ocréolas, sendo visíveis após a queda dos frutos.

***Ruprechtia laxiflora* Meisn., in Mart., Fl. bras. 5(1): 56. 1855. (Figuras 1P-1Q)**

Tipo: Brasil, Bahia, Blanchet 3304 (lectótipo: NY!); *Ruprechtia paranensis* Pendry, Edinburg J. Bot. 60: 26. 2003. Tipo: Brasil, Paraná, Patrimônio, Dusen 16810 (fotografia do holótipo: GH!) *Syn. nov.*

Árvores com até 30 m de altura; ramos glabros, casca acinzentada. Folhas com 3-7 x 1,5-4 cm; lâmina elíptica, ápice agudo ou acuminado, base aguda ou obtusa, margem plana, glabra ou pubescente, pubescência alva esparsa, coriácea a subcoriácea, nervuras planas na face adaxial, subplanas na abaxial; pecíolo com 0,5-1,5 cm, glabro ou pubescente; ócreas com 0,5 cm, decíduas. Inflorescências masculinas subpaniculadas, com 2-3 cm, raque densamente pubescente; pedicelos com 2-5 mm; brácteas acuminadas; ocréolas cônicas, pubescentes; flores estaminadas com 2 mm, perianto esverdeado; pedicelos com 2 mm, glabros ou pubérulos. Inflorescências femininas com 2-4 cm, raque glabra; pedicelos com 2 mm; brácteas com 1 mm, ocréolas com 1 mm, glabras ou pubérulas; flores pistiladas com 2-5 mm; frutos com 2-3 cm, verde-claros ou verde-amarelados; pedicelos frutíferos com 5-8 mm, perianto frutífero sem tubo definido, alas espatuladas, livres até próximo à base, esparsamente pubescentes, tricomas alvos, núcula visível entre as alas, tricotada, com 3-5 mm, pericarpo liso, glabro na base, pubescente no ápice, pubescência restrita ao 1/3 apical das costas.

Material examinado: Brasil. Alagoas: Traipu, serra Olho d'Água da Cerca, 11.02.2002, Lyra Lemos, R. 6065 (HUEFS, MAC); Jaramataia, serra cortada pelo rio Ribeira, 25.05.2007, Lyra Lemos, R. 10247 (MAC); Olho d'Água do Casado, fazenda Fogueteiro, 12.07.2000, Silva 1580 (RB); Palestina, próximo a AL-130, 09.06.1981, Lyra Lemos, R. 178 (MAC). Bahia: Almadina, 12.03.1971, Pinto, R.S. 1137 (CEPEC); Bonfim de Feira, 14.05.1984, Noblick, L.R. *et al.* 078, 079 (ALCB, HUEFS); Cachoeira, 02.1981, Scardino *et al.* 1087 (ALCB); *idem*, 12.1980, Scardino *et al.* 1012 (ALCB); Castro Alves, 02.1981, Scardino *et al.* 1012, 1087 (ALCB, HRB, HUEFS); *idem*, 03.1956, Lordêlo, R. 54 (ALCB); *idem*, 14.12.1994, Carvalho, C.A.L. 104 (HUEFS); Feira de Santana, 19.02.1981, Carvalho, A.M. *et al.* 588 (ALCB, CEPEC); 28.01.1993, Queiroz, L.P. *et al.* 3068 (CEPEC, HUEFS); *idem*, 11.02.2003, Moraes, A.O. *et al.* 145 (HUEFS); Itaju do Colônia, 23.10.1969, Santos, T.S. 429 (CEPEC, HRB, HUEFS, RB); *idem*, 23.10.1969, Santos, T.S. 431 (HRB); Itiúba, 21.02.1974, Harley, R.M. 16469 (IPA); Jeremoabo, 14.05.1981, Bautista, H.P. 450 (CEPEC, HRB, IPA, RB); *idem*, 08.04.1993, Ferreira, M.C. 502 (HRB); Juazeiro, 01.02.2011, Dias Martins 195 (HUEFS); Monte Santo, 24.08.1996, Queiroz, L.P. 4585 (HUEFS); *idem*, 27.02.2000, Giuliatti, A.M. & Harley, R.M. 1874 (HUEFS); Olindina, 20.07.1993, Borges, O.B. 35 (HRB, RB); Quijingue, serra das Candeias, limite Tucano, 08.07.2006, Cardoso, D. 1300 (HUEFS); Rui Barbosa, 12.04.1986, Bautista, H.P. & Sarmiento, A.C. 1107 (HRB, MBM, RB); Senhor do Bonfim, 25.05.1974, Andrade-Lima, D. 74-7654 (IPA); serra Preta, 17.07.1985, Noblick, L.R. & Lemos 4152 (ALCB, HRB). Ceará: Caucaia, 04.12.2004, Castro A.S.F. 1546 (EAC). Espírito Santo: Itaguaçu, 22.5.2007, Lorenzi, H. 6258 (HUEFS). Mato Grosso do Sul: Ladário, 31.10.1995, Bertolotto *et al.* 232 (COR). Minas Gerais: Januária, 20.04.2009, Menino *et al.* s.n. (HMC 1857); Matozinhos, APA de Lagoa Santa, 18.10.1995, Brina, A.E. *et al.* s.n. (HUEFS 31548). Paraíba: Monteiro, 15.10.2010, Sobrinho, M.S. 689 (HUEFS). Paraná: Londrina, 21.10.1992, Chagas e Silva, F. 1389 (FUEL); Campina Grande do Sul, Hatschbach, G. 13161, 13164

(MBM, GH); Guaratuba, Colônia Limeira, Hatschbach, G. *et al.* 28606 (NY); Ponta Grossa, Vila Velha, Smith, R.S. & Klein 14909 (NY). Pernambuco: Arcoverde, 21.02.2006, Pereira, R. 2704 (HUEFS, IPA). Rio Grande do Sul: Don Pedrito, 21.11.1980, Klein, R.M. & Pastore 11933 (MG); Montenegro, polo petroquímico, 01.11.1977, Ungaretti, I. 778 (IBGE); Uruguaiana, 12.02.2009, Cordeiro, J. 3365 (CESJ). Rio de Janeiro: Glaziou, A. 14218 (R); Nova Friburgo, Lima, H.C. 3804 (RB, UEC); Teresópolis, Saraiva, A.M. (RB 497263). São Paulo: Campo Largo, 01.12.1936, Hohene, F.C. & Gehrt, A. 37020 (SP); 10.11.1936, Hohene, F.C. & Gehrt, A. 36776 (SP); Mogi-Guaçu, Reserva Florestal, 27.11.1953, Kuhlmann, M. 2939 (SP); Piracicaba, Porto João Alfredo, 18.11.1924, Toledo, J.F. s.n. (SP); Teodoro Sampaio, 10.01.1985, Baitello, J.B. 157 A (SPF). Santa Catarina: São João do Oeste, 02.11.2011, Grasel, D. *et al.* 59 (HUEFS). Sergipe: Nossa Senhora da Glória, 11.11.1985, Viana, G. 1183 (ASE, HUEFS); Gararu, 26.04.1983, Viana, G. 677 (ASE).

Distribuição geográfica: ocorre no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai (Cocucci, 1957, 1961). No Brasil, a espécie ocorre na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Pendry, 2004). Com este trabalho, a área de distribuição da espécie está sendo ampliada para os estados de Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Paraíba, ocorrendo em matas estacionais, matas ciliares, em altitudes de 30 até 1.000 metros, nos biomas Caatinga, Mata Atlântica e Pantanal.

Distingue-se pelo perianto frutífero não formando tubo, pelas alas espatuladas, estreitadas na base, e pela núcula visível entre as alas e pubescente no 1/3 apical.

*Ruprechtia paranensis* foi descrita por Pendry (2003) para o estado do Paraná, tendo sido comparada a *R. laxiflora*, sendo reconhecida por apresentar frutos relativamente maiores e folhas frequentemente pubescentes na face abaxial. Essas características foram observadas também entre as amostras de *Ruprechtia laxiflora*, coletadas em diversos estados do Brasil. Portanto, não sendo possível distinguir *R. paranensis* com base em caracteres morfológicos, ela foi considerada como sinônimo de *R. laxiflora* Meisn.

***Ruprechtia lundii* Meisn., in Mart., Fl. bras. 5(1): 54. 1855. (Figuras 1R-1S)**

Tipo: Brasil, Rio de Janeiro, Lund 578 (fragmento do holótipo G, n.v.).

Árvores com 3-8 m de altura; ramos glabros, fistulosos, formando braquiblastos. Folhas com 6-18 x 3-6 cm; lâmina elíptica, oblonga, oval ou oboval, ápice agudo ou acuminado, base aguda, obtusa, atenuada, raro arredondada, margem ondulada, plana ou revoluta, cartácea ou coriácea, glabra em ambas as faces, nervuras reticuladas, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 3-6 mm, glabro; ócrea com 2-3 mm, glabra, persistente. Inflorescências masculinas com 2-2,5 cm, raque glabra ou esparsamente pubescente; brácteas com 1 mm, glabras ou esparsamente pubescentes; ocréolas com 1-1,5 mm, glabras a esparsamente pubescentes, ciliadas; pedicelos com 2-3 mm, glabros, articulados acima da metade; flores estaminadas com 2-3 mm, perianto esverdeado, sépalas e pétalas ovais ou oblongas, glabras, filetes exclusivos. Inflorescências femininas com 2-2,5 cm, raque glabra ou esparsamente pubescente; brácteas e ocréolas com 0,5-1,5 mm, glabras ou esparsamente pubescentes; flores pistiladas com disco esparsamente pubescente. Frutos com 3-4,5 cm de comprimento, marrons; pedicelos frutíferos com 0,5-1 cm, glabros, articulados acima da metade; perianto frutífero com tubo de 3-4 mm, glabro, alas cartáceas oblongas a acuminadas, glabras; núcula com 0,8-1 cm, trilobada, pericarpo liso, glabro.

Material examinado: Brasil. Rio de Janeiro: Araújo, D. 109 (AAU, RB); *idem*, Glaziou, A. 13134 (K); *idem*, Gávea, 26.11.1940, Kuhlmann, J.G. 6135 (NY); *idem*, Armação de Búzios, 19.01.2000, Fernandes, D. 405 (RB). Minas Gerais: Braúnas, usina hidrelétrica Porto Estrela, 27.09.1997, fr., Tameirão Neto, E. 2550 (BHCB, HUEFS); Joanésia, Porto Estrela, rio Santo Antônio, 20.08.2000, fr., Tameirão Neto, E. 3281 (HUEFS). São Paulo: Botucatu, 10.1988, Gabriel, J.L.C., s.n. (HRCB 10906); Peruíbe, sem data, Cunha, J. 20970 (UEC); São Paulo, 10.1988, Nicollini, E.M. s.n. (HRCB 11959); Sete Barras, 09.1994, Almeida-Scabbia,

R.J. *et al.* 747 e 749 (SP, UEC); *idem*, 11.1920, Gehrt, A. s.n. (UEC 80555).

Distribuição geográfica: a espécie foi considerada endêmica do Rio de Janeiro por Pendry (2004). No entanto, no presente trabalho, sua área de distribuição espécie está sendo ampliada para os estados de Minas Gerais e São Paulo, ocorrendo em matas e restingas, na Mata Atlântica.

Os exemplares provenientes do estado de São Paulo foram inicialmente identificados pelos autores como *R. laurifolia*, no entanto, após uma nova revisão, foi observado que eles representam espécimes de *R. lundii*, de acordo com a circunscrição dada por Pendry (2004).

***Ruprechtia maracensis* Brandbyge, Nordic J. Bot. 10(2): 155. 1990. (Figura 2A)**

Tipo: Brasil, Roraima, Milliken & Bowles 377 (holótipo: AAU; isótipos: K!, NY!).

Árvores com até 35 m de altura; ramos glabros esparsamente pubescentes, sem formação de braquiblastos. Folhas com 6-16 x 3-10 cm; lâmina elíptica, oblonga ou oboval, ápice agudo, obtuso ou acuminado, base obtusa ou cuneada, margem ondulada, ocasionalmente revoluta, nervação terciária escalariforme, coriácea, glabra, esparsamente pubescente na face abaxial, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 3-8 mm, glabro; ócrea decídua. Inflorescências masculinas com 10-12 cm, raque pubescente; brácteas com 1-1,5 mm, pubescentes, ocréolas com 2-3 mm, glabras ou pubescentes; pedicelos com 3-4 mm, articulados na metade; flores estaminadas branco-esverdeadas, tépalas ovais ou elípticas, cuculadas, glabras ou pubescentes, filetes com 3-5 mm, exclusivos. Inflorescências femininas com 7-15 cm, raque pubescente; brácteas com 1-2 mm, pubescentes, ocréolas com 2-3 mm, pubescentes; pedicelos com 2-4 mm, articulados na metade, pubescentes; flores pistiladas esverdeadas, densamente pubescentes, lacínios lineares ou ovais, disco glabro, ovário pubescente, estigmas lineares. Frutos com 1,5-3 cm de comprimento, brancos; pedicelos frutíferos

com 2-5 mm; perianto frutífero com tubo de 1-1,5 mm, base arredondada, pubescente, alas obovado-espatuladas, coriáceas, com a nervura principal proeminente formando uma quilha na base, núcula com 7-8 mm, trilobada, pericarpo liso, pubescente em direção ao ápice.

Material examinado: Brasil. Roraima: Paraná do Firmino, Reserva Ecológica da SEMA, 25.06.1987, W. Milliken & Bowles 377 (K, NY).

Distribuição geográfica: Brasil, Colômbia e Peru. No Brasil, ocorre somente no estado de Roraima (Pendry, 2004), em matas ciliares, matas de terra firme, em altitudes entre 50 e 200 metros, na Amazônia.

Distingue-se pelo perianto frutífero, com alas obovado-espatuladas, coriáceas, com 1,5-3 cm de comprimento, com tubo de base arredondada.

***Ruprechtia obidensis* Huber, Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi 5: 344. 1909. (Figura 2B)**

Tipo: Brasil, Pará, Óbidos, A. Ducke 2899 (holótipo: MG!).

Lianas; ramos pubescentes, braquiblastos ausentes. Folhas com 5-17 x 2-8 cm; lâmina elíptica, oval ou oboval, ápice acuminado, base cuneada ou arredondada, decorrente, glabra em ambas as faces, raro pubescente na face abaxial, margem ondulada, revoluta, nervação terciária e bulada entre as nervuras, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 0,3-1,5 cm, pubescente; ócrea com 1-5 mm, pubescente, persistente. Inflorescências masculinas com 15-20 cm, raque pubescente; brácteas com 1-1,5 mm, densamente pubescentes, ocréolas com 2 mm, pubescentes; pedicelos com 2-3,5 mm, articulados no ápice, pubescentes; flores estaminadas com 1,5 mm, com perianto vermelho, sépalas e pétalas ovais, oblongas ou obovais, densamente pubescentes, filetes inclusos. Inflorescências femininas com 6-14 cm, raque pubescente; brácteas com 1 mm, ocréolas com 2-3 mm, pubescentes; pedicelos com 1,5-2,5 mm, articulados próximo ao ápice; flores pistiladas, com perianto verde-vináceo, pubescente, tubo com 3 mm, alas oblongas ou acuminadas, disco nectarífero glabro, ovário com

2-3 mm, glabro, estigmas lineares. Frutos com 4,5-5,5 cm de comprimento, verde-vináceos; pedicelos frutíferos com 2,5 mm, perianto frutífero com tubo de 1-1,2 cm, glabro, alas oblongas ou obovadas, cartáceas, com nervação evidente, esparsamente pubescentes, núcula com 1,3-1,5 cm, trilobada, pericarpo liso, glabro.

Material examinado: Brasil. Acre: próximo ao rio Macauhá, 04.09.1933, Krukoff, A. 5791 (BM, K, NY); a 37 km da estrada Rio Branco-Santa Rosa, 04.10.1980, Lowrie, S.R. *et al.* 386 (NY, RB). Amazonas: Manaus, estrada do Aleixo, 23.06.1941, Ducke, A. 738 (MG, NY, RB); rio Acre, Ule 9350 (MG); São Sebastião, rio Urucará, 05.09.1968, Silva, M. 1824 (MG). Pará: Ducke, A. 2899 (holótipo: MG, isótipo: NY); Óbidos, 31.07.1902, Ducke, A. 2901 (BM, F, NY); Ducke, A. 8539, 8540 (MG); *idem*, 14.09.1980, Cid Ferreira, C.A. *et al.* 2493 (K, MG, NY); *idem*, 05.09.1910, Ducke, A. 11019, 11020 (MG); Oriximiná, 24.08.1968, Silva, M. 1702 (GH, MG); Alto Tapajós, 24.07.1929, Egler, W.A. 1020 (MG). Rondônia: Belmonte, 24.08.1975, Cordeiro, M.R. 603 (GH, MG); *idem*, rio Madeira, 15.07.1968, Prance, G. *et al.* 6043 (K); *idem*, rio Abuna, Prance, G. *et al.* 14709 (K, NY).

Distribuição geográfica: Bolívia, Venezuela e Brasil, nos estados do Acre, Amazonas, Pará e Rondônia (Huber, 1909; Pendry, 2004). Ocorre em matas ciliares, matas de galerias, matas de terra firme e campinaranas, em altitudes entre 100 e 900 metros, na Amazônia.

Distingue-se de *R. laurifolia* por apresentar perianto frutífero maior, variando entre 4,5-5,5 cm de comprimento, brácteas com 1,5 mm de comprimento, pedicelos frutíferos maiores do que as brácteas e exclusivos, sendo visíveis após a queda do fruto. *R. laurifolia*, ao contrário, apresenta pedicelos frutíferos inclusos nas ocréolas e não visíveis após a queda dos frutos.

***Ruprechtia salicifolia* (Cham. & Schletd.) C.A. Mey.,**  
Mém. Acad. Imp. Sci. Saint Pétersbourg 6: 150.  
1840. (Figuras 2C-2D)

Tipo: Brasil, Sellow s.n. (lectótipo: B; isolectótipos: K!, NY!).

Arbustos ou árvore multitronco, com 3-8 m de altura, ramos glabros, acinzentados, lisos. Folhas com 3-12 x 1-2 cm; lâmina lanceolada, ápice agudo, base aguda, obtusa ou cuneada, margem inteira, plana ou levemente ondulada, glabra em ambas as faces, lustrosa, nervura principal saliente na face adaxial, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 2-5 mm, glabro; ócreas com 1 mm, glabras, decíduas. Inflorescências masculinas com 3-6 cm, raque glabra ou esparsamente pubescente; brácteas com 1-2 mm, esparsamente pubescentes; ocréolas com 1-1,5 mm, glabras; pedicelos com 2-3 mm, articulados na metade ou pouco acima, glabros; flores estaminadas verde-amareladas, com aproximadamente 2 mm; sépalas e pétalas obovais ou elípticas, cuculadas, glabras, margem ciliada. Inflorescências femininas com 3-4 cm, raque glabra ou esparsamente pubescente; brácteas com 1-2 mm, esparsamente pubescentes; ocréolas com 1-2 mm, pubescentes; pedicelos com 2-4 mm, glabros, articulados pouco acima da metade; flores pistiladas, com perianto branco ou esverdeado; tubo com 0,5 mm, sépalas ovais ou elípticas, cuculadas, lacínios com ápice reflexo; pétalas elípticas ou obovais, glabras, disco nectarífero glabro ou pubescente, ovário com 1,5-2 mm, glabro, estigmas ovoides. Frutos com 1,5 cm de comprimento, branco-esverdeados; pedicelos frutíferos com 0,5-1 cm, perianto frutífero com tubo de 1 mm, alas coriáceas, elípticas ou obovais, fortemente cuculadas e imbricadas na base, glabras, recobrimdo totalmente a núcula, alas com ápice reflexo, núcula com 7-9 mm, trilobada, pericarpo liso, glabro.

Material examinado: Brasil. Rio Grande do Sul: Quaraí, 08.01.1945, Rambo 26353 (MOBOT, BR); São Gabriel, 03.01.1947, Rambo 25650 (MOBOT); Capão do Leão, Horto Teodoro Luis, 30.11.1986, Jarenkow, J.A. 510 (FLOR, ICN); Rosário do Sul, rio Santa Maria, Krapovickas, A. *et al.* 22824 (MOBOT); São Borja: rio Butuí, Záchia, R. 102 (MOBOT). Material adicional. Argentina. Corrientes: Rio Aguapey, 07.02.1979, Salati, A. *et al.* 16806 (IAC); 08.02.1979, Schinini, A. *et al.* 16870 (ALCB). Misiones:



28.12.2008, Salgado, 575 (FUEL). Uruguai. Artigas: Bella Union, Herter 4479 (RB).

Distribuição geográfica: Argentina, Uruguai, Brasil, no estado do Rio Grande do Sul (Pendry, 2004), em matas ciliares e matas estacionais do Pampa, sobre solos arenosos, em altitudes entre 0 e 100 m.

Espécie reconhecida pelo perianto frutífero com sépalas coriáceas, glabras, cuculadas e imbricadas na base, recobrimdo totalmente a núcula, sendo similar a *R. brachystachya*, da qual pode ser distinguida por possuir folhas lanceoladas, enquanto esta possui folhas elípticas, oblongas ou ovais.

***Ruprechtia tangarana* Standl., Publ. Field Mus. Nat. Hist. Bot. Sér. 22: 74. 1940. (Figura 2E)**

Tipo: Peru, Loreto, Schunke 115 (fotografia do holótipo: F!; isótipo: NY!).

Arbustos escandentes ou árvores com até 10 m de altura, ramos glabros, sem formação de braquiblastos. Folhas com 5-20 x 3-9 cm; lâmina elíptica, oblonga, oval ou oboval, ápice acuminado, base obtusa ou arredondada, às vezes cuneada, margem inteira, levemente ondulada, nervação terciária reticulada, bulada, glabra em ambas as faces, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 3-8 mm, glabro; ócreas com 1 mm, glabras, persistentes ou decíduas. Inflorescências masculinas com 3-9 cm, raque glabra ou esparsamente pubescente; brácteas com 1 mm, pubescentes, ciliadas; ocréolas com 1,5 mm, glabras ou pubérulas; pedicelos com 2-3 mm, articulados acima da metade, glabros ou pubescentes; flores estaminadas com 2-3 mm, amarelo-esverdeadas, sépalas e pétalas elípticas ou oblongas, glabras ou esparsamente pubescentes, filetes exclusivos. Inflorescências femininas com 2-4 cm, raque glabra ou pubérula; brácteas com aproximadamente 1 mm, pubescentes; ocréolas com 2-4 mm, pubescentes; pedicelos com 1-2 mm, articulados na metade, glabros ou pubescentes; flores pistiladas com 4-5 mm, perianto esverdeado, tubo com cerca de 1 mm, lacínios oblongos ou ovais, agudos, carenados ou quilhados na face abaxial;

disco nectarífero glabro, ovário esparsamente pubescente, estigmas lineares. Frutos com 1-1,2 cm de comprimento, verdes, verde-amarelados ou verde-rosados; pedicelos frutíferos com 1-2 mm, glabros; perianto frutífero com tubo com aproximadamente 1 mm, base arredondada, alas coriáceas, obovais, carenadas ou quilhadas na base, com ápice reflexo, margem revoluta, esparsamente pubescente; núcula com 6-8 mm, trilobada, pericarpo liso, pubescente.

Material examinado. Brasil. Amazonas: Anavilhanas, rio Negro, 29.02.1976, Cavalcante, P. 3255 (MG); *idem*, Limoeiro, Matupiri, rio Japurá, Cid Ferreira, C.A. 7076 (GH, K, MG, NY); *idem*, Manacapuru, rio Solimões, 27.03.1967, Cavalcante, P. 1797 (MG); Manaus, 20.03.1961, Rodrigues, W. & Lima, J. 2249 (MG); Paraná de Tocantins, Ducke, A. 1582 (GH, NY); *idem*, rio Negro, Mori & Gracie 22488 (NY); *idem*, rio Solimões, Mori *et al.* 9045 (GH, NY). Pará: Oriximiná, rio Trombetas, 31.03.1984, Kubitzki, K. *et al.* 214, 216 (MG); 04.04.1984, Kubitzki, K. *et al.* 234, 238 (MG); 08.08.1985, Almeida, S. 286 (MG); *idem*, 17.07.1980, Cid Ferreira, C.A. & Ramos, J. 1024 (MG).

Distribuição geográfica: Colômbia, Peru e Brasil, no estado do Amazonas (Pendry, 2004). Com o presente trabalho, a área de distribuição da espécie está sendo ampliada para o estado do Pará, em matas ciliares, mata de igapó, matas de várzeas e matas de terra firme, sobre solos arenosos e argilosos, em altitudes que variam entre 100 e 400 m, na Amazônia.

Distingue-se pelos frutos com até 1,2 cm de comprimento, com tubo de base arredondada, com alas obovadas reflexas, coriáceas e carenadas, margem revoluta e ápice reflexo. Assemelha-se a *R. maracensis* pelos caracteres vegetativos e pelos frutos maiores, medindo de 1,8 a 3 cm de comprimento.

***Ruprechtia tenuiflora* Benth., London J. Bot. 4: 629. 1845. (Figura 2F)**

Tipo: Amazonas, rio Negro, Schomburgk 924 (planta pistilada), 957 (planta estaminada) (holótipo: K!; isótipos: BM!, NY!).



Arbustos ou árvores com até 8 m de altura; ramos glabros ou pubescentes. Folhas com 3-10 x 1,5-4 cm; lâmina oval, oblonga, elíptica ou oboval, ápice agudo ou acuminado, base aguda, obtusa ou atenuada, margem levemente ondulada, revoluta, glabra em ambas as faces, raro pubescente na face abaxial, glândulas punctiformes ausentes, nervuras proeminentes em ambas as faces; pecíolo com 2-5 mm, glabro ou pubescente; ócreas com 1 mm, decíduas. Inflorescências masculinas com 3-6 cm, raque glabra ou pubérula; brácteas com cerca de 1 mm, glabras ou esparsamente pubescente; ocréolas bractéolas com aproximadamente 1 mm, esparsamente pubescente; pedicelos com aproximadamente 2 mm, articulado pela metade, pubescente; flores estaminadas com 1-2 mm, perianto branco-esverdeado, sépalas e pétalas ovais ou oblongas, cuculadas, pubescentes, ciliadas, filetes com 2-4 mm, exclusos. Inflorescências femininas com 2-7 cm, raque glabra ou pubérula; brácteas com 1-2 mm, pubescentes; ocréolas com 1-2 mm, pubescentes; pedicelos com 3-4 mm, articulado abaixo ou na metade; flores pistiladas com 4-8 mm, perianto esverdeado, tubo com cerca de 1 mm, lacínios lineares ou estreito oval, agudos, pétalas elípticas ou lineares, pubescentes, adnadas ao tubo do cálice; disco nectarífero glabro, ovário com 3-4 mm, pubescente, estigmas lineares. Frutos com 1-1,5 cm de comprimento, verdes ou marrons; pedicelos frutíferos com 2-4 mm; perianto frutífero com tubo de 1 mm, alas lineares, coriáceas, margem recurvada, não quilhada, núcula com 0,5-1 cm, trígono-alongada, visível entre as alas, pericarpo liso, pubescente.

Material examinado: Brasil. Amazonas: Manaus, 08.11.1987, Kubitzki 87-25a e 25b (INPA, MG); *idem*, igarapé Jurupari, afluente do rio Vaupés, 08.04.1952, Fróes, R.L. 28228 (UB); igarapé da Cachoeira Grande, 30.04.1943, Ducke, A. 1230 (K, MG, NY); *idem*, 30.04.1943, Ducke, A. 439 (MG); Barcelos, Maguire, B. *et al.* 60037 (K, NY); Vista Alegre, rio Negro, Cavalcante 508 (GH); Tarumã Grande, 24.10.1977, Kell, S. *et al.* 180 (MG); 16.11.1977, Kell, S. & Guedes, J. 271 e 290 (MG); Vaupés, praia, Murça Pires, J. 538 (NY, UB); São Gabriel da Cachoeira, rio Negro, Spruce, R. 2236 (BM, NY).

Distribuição geográfica: Brasil, Colômbia, Guiana, Venezuela (Aymard & Howard, 2004; Pendry, 2004). No Brasil, ocorre no estado do Amazonas, em matas ciliares, matas de galerias, de igapó, de várzeas e de terra firme, em altitudes que variam entre 0 a 300 metros.

Espécie próxima a *Ruprechtia salicifolia*, pela forma das folhas, mas pode ser distinguida pelo perianto frutífero com alas lineares, glabras, de margem recurvada, não quilhada, nem imbricada, com núculas expostas entre as alas.

***Ruprechtia triflora* Griseb., Symbol. fl. argent.: 89. 1879. (Figuras 2G-2H)**

Tipo: Argentina, Salta, Lorenz & Hieronymus 599 (holótipo: GOET!).

Arbustos ou árvores com 3-10 m de altura; ramos formando braquiblastos. Folhas com 2-5 x 1,5-3,5 cm; lâmina oval, oboval, elíptica ou orbicular, ápice agudo, obtuso ou arredondado, base aguda, obtusa ou cuneada, margem levemente ondulada, membranácea ou cartácea, pubescente em ambas as faces, às vezes com tricomas ramificados, glândulas punctiformes ausentes; pecíolo com 0,2-0,5 cm, pubescente; ócreas com 1-4 mm, pubescentes, decíduas. Inflorescências masculinas, reduzidas com 2-4 mm, raque pubescente; brácteas com 1-2 mm, pubescentes; ocréolas com 2 mm, glabras ou esparsamente pubescentes; pedicelos com 1-2 mm, articulados no ápice, pubescentes; flores estaminadas com cerca de 2 mm, perianto esverdeado ou amarelado, sépalas e pétalas elípticas, pubescentes, filetes inclusos. Inflorescências femininas com aproximadamente 1-2 mm, raque pubescente, tricomas alvos; brácteas com 2 mm, pubescentes, bractéolas com 2-3 mm, glabras; pedicelos com 2 mm, articulados no ápice, pubescentes; flores pistiladas, com 5-6 mm, perianto esverdeado, amarelado ou verde-rosado; tubo com 1 mm, pubescente, lacínios lineares, pubescentes; pétalas elípticas, adnadas ao tubo do perianto, pubescentes; disco nectarífero pubescente, ovário com 1-2 mm, pubescente, estigmas lineares. Frutos com 2,5-3,5 cm de comprimento, avermelhados; pedicelos frutíferos

com 3-4 mm; perianto frutífero com tubo de 4-5 mm, alas obovado-espátuladas, cartáceas, divergentes, pubescentes externamente; núcula com 0,7-1 cm, trilobada, pericarpo liso, pubescente na porção apical.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Porto Murinho, com aproximadamente 20 km da cidade, 09.01.2006, Melo, E. *et al.* 4248 (HUEFS); *idem*, 20.11.2008, Seleme, E.P. 149 (HUEFS); *idem*, 18.02.1989, Pott, A. 4632 (HUEFS); Corumbá, 15.08.1989, Pott, A. 4921 e 4922 (CPAP, HUEFS).

Distribuição geográfica: Paraguai, Bolívia, Argentina (Cialdella & Brandbyge, 2001) e Brasil (Melo, 2014), onde ocorre exclusivamente na região Centro-Oeste, no estado de Mato Grosso do Sul, em matas estacionais e matas ciliares do Pantanal.

A espécie é característica da região chaquenha, ocorrendo apenas na fronteira, onde o chaco penetra no estado de Mato Grosso do Sul. É de fácil identificação, por suas folhas pequenas com lâmina elíptica, ovada, obovada ou orbicular, em curtos braquiblastos, pelos tirsos contraídos e perianto frutífero, com alas obovado-espátuladas, divergentes e pubescentes externamente. É frequentemente coletada com flores ou frutos em períodos de decíduidade completa de suas folhagens.

## ESPÉCIES EXCLUÍDAS

*Ruprechtia crenata* (Casar.) R.A. Howard, J. Arnold Arbor. 66: 504. 1985

Tipo: Brasil, Rio de Janeiro, Riedel 567 (lectótipo: TO; fotografia NY! HUEFS!).

Howard (1985) propôs a nova combinação, com base em *Triplaris crenata* Casar., cujo material original é representado por "Riedel s.n.", proveniente do Rio de Janeiro, (depositado em NY), incluindo mais duas coleções "Glaziou 12115 e 19761" (depositados em P). Pendry (2004) aceitou a espécie *Ruprechtia crenata*, designando "Riedel 567" (depositado em TO) como lectótipo. Porém, exemplares "Riedel 567" também são referidos para *Hirtella*

(Chrysobalanaceae) em NY e MOBOT (Specieslink, s.d.), indicando uma possível mistura de coleções.

Os exemplares "Glaziou 12115 e 19761" não foram encontrados, e "Riedel 1025" também foi citado como *Ruprechtia crenata* por Pendry (2004), sendo referidos para outras espécies, entre Polygonaceae, Asteraceae e Fabaceae, também indicando possível mistura de coleções.

Em relação a *Ruprechtia carpinoides* Meisn., considerada como sinônimo de *Ruprechtia crenata*, a confusão se repete, visto que o tipo é representado por um exemplar de "Riedel s.n.", não sendo possível, portanto, reconhecer essas duas espécies citadas para o Brasil.

## AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento parcial e pelo apoio logístico para a realização das coletas. A Ana Maria Giulietti Harley, Iara Cândido Crepaldi, Francisco de Assis Ribeiro dos Santos, Raquel Pérez Maluf e Evandro Rego, pela leitura e sugestões para a versão final deste trabalho. A Lucas Marinho, pela finalização das pranchas.

## REFERÊNCIAS

- AYMARD, G. A. & R. A. HOWARD, 2004. Polygonaceae. In: J. A. STEYERMARK & P. E. BERRY (Eds.): **Flora of the Venezuelan Guayana**: v. 8: 347-370. Missouri Botanical Garden, Saint Louis.
- BARROSO, G. M., E. F. GUIMARÃES, C. L. F. ICHASO & A. L. PEIXOTO, 1978. **Sistemática de angiospermas do Brasil**: v. 1. EDUSP, São Paulo.
- BRANDBYGE, J., 1990. Woody Polygonaceae from Brazil: new species and a new interpretation. **Nordic Journal of Botany** 10(2): 155-160.
- CIALDELLA, A. M. & J. BRANDBYGE, 2001. Polygonaceae. In: R. SPIGCHIGER & L. RAMELLA (Eds.): **Flora del Paraguay**: v. 33: 1-107. Conservatoire et Jardin Botaniques de la ville de Genève & Missouri Botanical Garden, Saint Louis.
- COCUCCI, A. E., 1957. **El genero Ruprechtia (Polygonaceae) en Argentina, Paraguay y Uruguay**: 559-618. Universidad Nacional (Trabajos del Museo Botánico, n. 6), Córdoba.

- COCUCCI, A. E., 1961. Revision del genero *Ruprechtia* (Polygonaceae). *Kurtiziana* 1: 217-269.
- HOWARD, R. A., 1985. The "*Triplaris scandens* (Vell. Conc.) Cocucci" complex (Polygonaceae). *Journal of the Arnold Arboretum* 66: 503-508.
- HUBER, J., 1909. Polygonaceae. **Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense) de História Natural e Etnografia** 5: 341-346.
- JUDD, W. S., C. S. CAMPBELL, E. A. KELLOG & P. F. STEVENS, 1999. **Plant systematics**: a phylogenetic approach. V.S.A. Sinauer Associates, Inc., Sunderland.
- LLEDÓ, M. D., M. B. CRESPO, K. M. CAMERON, M. F. CHASE & M. W. CHASE, 1998. Systematics of Plumbaginaceae based upon cladistic analysis of rbcL sequence data. *Systematic Botany* 23(1): 21-29.
- MAAS, P. J. M. & L. Y. WESTRA, 1978. **Familias de plantas neotropicales**. Verlag, Alemanha.
- MABRY, T. J., 1977. The order Centrospermae. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 64: 210-220.
- MEISNER, C. F., 1855. Polygonaceae. In: C. F. P. MARTIUS & A. G. EICHLER (Eds.): **Flora Brasiliensis** 5(1): 1-59.
- MELO, E., 1998. Levantamento da família Polygonaceae no estado da Bahia, Brasil: espécies do semi-árido. *Rodriguésia* 50(76-77): 19-37.
- MELO, E., 2000. Polygonaceae da Cadeia do Espinhaço, Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 14(3): 273-300.
- MELO, E., 2014. Polygonaceae. In: JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO (JBRJ): **Lista de espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB20603>>. Acesso em: 9 julho 2014.
- MELO, E. & F. FRANÇA, 2006. A família Polygonaceae no semiárido brasileiro. In: A. M. GIULIETTI, A. CONCEIÇÃO & L. P. QUEIROZ (Eds.): **Diversidade e caracterização das fanerógamas do semiárido brasileiro**: v. 1: 437-488. Associação Plantas do Nordeste, Recife.
- PENDRY, C. A., 2003. Nine new species of *Ruprechtia* (Polygonaceae) from Central and South America. *Edinburgh Journal of Botany* 60(1): 19-42.
- PENDRY, C. A., 2004. Monograph of *Ruprechtia* (Polygonaceae). *Systematic Botany Monographs* 67: 1-113.
- RADFORD, A. E., W. C. DICKISON, J. R. MASSEY & C. R. BELL, 1974. **Vascular plant systematics**: 1-891. Harper & Row Pub., New York.
- RIBEIRO, J. E. L. S., M. J. G. HOPKINS, A. VICENTINI, C. A. SOTHERS, M. A. S. COSTA, J. M. BRITO, M. A. D. SOUZA, L. H. P. MARTINS, L. G. LOHMAN, P. A. C. L. ASSUNÇÃO, E. C. PEREIRA, C. F. SILVA, M. R. MESQUITA & L. C. PROCÓPIO, 1999. **Flora da Reserva Ducke**: guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra-firme na Amazônia Central: 1-816. INPA, Manaus.
- ROBERTY, G. & S. VAUTIER, 1964. Les genres de Polygonacées. *Boissiera* 10: 7-128.
- SANCHEZ, A., 2011. **Evolutionary relationships in Polygonaceae with emphasis on *Triplaris***. Tese (Doutorado em Biologia) – Wake Forest University, Carolina do Norte.
- SPECIESLINK, [s.d.]. **Sistema de informações de dados de coleções científicas**. FAPESP/GBIF/JRS Foundation/MCTI/CNPq/FINEP/RNP/CRIA. Disponível em: <<http://splink.cria.org.br/>>. Acesso em: 10 junho 2015.
- SPJUT, R. W., 1994. A systematic treatment of fruit types. *Memoirs of the New York Botanical Garden* 70: 1-182.
- THIERS, B., 2015. **Index Herbariorum**: a global directory of public herbaria and associated staff. New York Botanical Garden's Virtual Herbarium, New York. Disponível em: <<http://sweetgum.nybg.org/science/ih/>>. Acesso em: 8 abril 2015.
- WEDDELL, H. A., 1850. Additions a la flore de l'Amérique du Sud. *Annales des Sciences Naturelles Botanique* 3(13): 249-268.